



O CON* DOR

BOLETIM INFORMATIVO

ANO XII

NÚMERO 6

Nov-Dez/2007

Homepage: <http://57-BQ.org> | Webmaster: 57_18brasil@57-BQ.org | E-mail: Ocondor@57-BQ.org | Editor: 5755amorim@globo.com

RECORDAR É VIVER

Visitar o Ninho das Águias será sempre uma volta ao passado. No último 23 de novembro, uma comitiva da Turma 57-BQ/Asp62 visitou a Academia da Força Aérea (AFA), em Pirassununga. Assistir à parada diária dos cadetes, visitar as salas de aula, os alojamentos, o estágio de instrução de vôo, o hangar da Esquadrilha da Fumaça transformaram-se em momentos de incontidas emoções. À primeira vista, o cenário parecia bem diferente daquele que encontramos no Campo dos Afonsos: não se avistam montes nas cercanias do campo de pouso; os prédios são em arquitetura moderna; as denominações dos órgãos se distinguem das de outrora. Mas, a partir do *briefing* do Comandante da AFA, o gentil Brig.-do-Ar Odil Martuchelli Ferreira (da T.72-BQ), os integrantes da comitiva contagiaram-se com a atmosfera de vibração, de amor ao trabalho e de profissionalismo dos homens e mulheres responsáveis



pela formação dos oficiais aviadores, intendentos e infantens, que, a cada ano, fortalecem os quadros da Força Aérea. E, após a visita ao Museu da Academia, saíram com a sensação de que a mística dos Afonsos se perpetuará nas belíssimas plagas de Pirassununga. Neste encontro nostálgico de paulistas e cariocas, com a sempre simpática participação do neo-baiano Felicíssimo, incluíram-se na programação: visita à Fazenda de Aeronáutica, cujo Diretor, Cel.-Int. Eduardo Augusto de Souza, ofereceu um excelente almoço com música ao vivo; um jantar no Restaurante Beira Rio, com rodízio de peixe, no concorrido *point* de Cachoeira das Emas; e uma passagem, no regresso, pela interessante cidade de Holambra, fundada por imigrantes holandeses e conhecida pelo cultivo de flores. Na página 3, o registro fotográfico dos momentos felizes de mais um encontro dos BQanos de 1957.



ALMOÇO DE CONFRATERNIZAÇÃO

O tradicional encontro de fim de ano aconteceu, uma vez mais, no Restaurante Chez Yunes, na Barra da Tijuca. Desta feita, com outras opções de pratos, além dos típicos da cozinha árabe: carne de javali, carneiro e bifinho bovino para os quase vegetarianos. Flashes na página 2.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO

Escolha de novos representantes

No dia 22/Jan/2008 (quarta terça), no Clube de Aeronáutica. A atual Representação da Turma julga oportuno que a Confraria escolha outros colegas para cuidarem de seu destino. Renovar é preciso, mesmo porque quem cuida de determinado assunto por muito tempo acaba não aceitando novas idéias.



A VOZ DO CANDANGO

Nosso companheiro Arieis Santana (60-132) enviou carta, datada de 20/10/2007, ao Ministro da Defesa, com cópias para os Comandantes Militares e outras autoridades, versando sobre um assunto, segundo ele, incômodo e inquietante que, quando tratado, embaraça, constrange e até intimida os altos comandos militares: salários. Três laudas com argumentações e críticas a um estado de coisas em nosso País são encerradas com a máxima do autor romano Publius Flavius (490 d.C.): "Si vis pacem para bellum". Abaixo da assinatura, externando suas duas grandes paixões, a referência de que pertence à Turma Quase Perfeita e, como selo, um emblema do Fluminense. Os interessados no inteiro teor da carta deverão solicitar cópia diretamente ao bravo guerreiro matogrossense Arieis (Candango)- Tel.: (67) 3341-2594.

CELEIRO DE VOCAÇÕES

Cursinhos

Complementando o artigo publicado em O Con*dor de jul/ago último, sobre a capacidade da Esquadilha da Fumaça e das Bases Aéreas quanto ao chamamento do público estudantil para a carreira militar, foram os cursinhos preparatórios que, com grande realce e devido ao número de candidatas aprovados nos concursos, fizeram aumentar a procura dessa fatia de opção, dando as mesmas condições ao jovem de classe média disputar uma vaga na tão sonhada proposta.

No Rio de Janeiro, dois cursinhos destacaram-se na época: o Tamandaré, localizado no Largo da Carioca, no antigo Tabuleiro da Baiana, e o Werneck, localizado na Rua México – no Castelo, que disputavam a primazia de ser considerado o melhor. Dirigindo e atuando como professores, oficiais da Marinha do Brasil faziam exigências como lá fosse um complemento da caserna, no que tange à disciplina e à obrigação de conseguir resultados, para o bem do aluno e, concomitante, para o engrandecimento do curso.

Inicialmente, pensou-se em declinar os nomes dos companheiros que participaram desses cursos, porém, incitamos a cada um exercitar a memória e massagear o seu ego, realizando um passeio ao passado a relembrar como foi importante para cada um essa primeira etapa de nossas vidas e por ter sido um predestinado a pertencer a essa Turma Quase Perfeita. Existiam dois tipos de alunos, os gagás e os gogós. Os gogós eram aqueles que gostavam de aparecer diante dos professores, exibindo capacidade de realizar as tarefas mais rapidamente possível, informando os resultados das questões elaboradas. Os gagás eram os moitas, perguntavam pouco, mas assimilavam bastante. Existia um terceiro espécime, o desatento - parecia que só estava ali por uma obrigação familiar. Certa feita, o comandante-professor do Tamandaré observou que um desses que não queria nada com o estudo, chamando sua atenção, convidando-o para que mudasse de interesse, buscando outra atividade como o canto orfeônico ou mesmo o balé, por dar a impressão de que a matemática não era a dele.

Paralelamente, concorriam com os cursinhos escolas de melhor gabarito como: Colégio Militar, Colégio Pedro II, as escolas de formação profissionalizante – Major Sukov, Visconde de Cairu, Visconde de Mauá e Barão do Rio Branco; e ainda as excelências das escolas seminaristas – Santo Inácio de Loiola, São Bento e São José.

Todas as escolas e os cursos preparatórios citados contribuíram, sem medo de errar, com 70% dos participantes da TURMA QUASE PERFEITA que passaram pelos seus bancos escolares e nos dá a oportunidade, depois de 50 anos, de fazer um agradecimento formal: **Muito obrigado por ter acontecido em nossas vidas.**

ACERVO HISTÓRICO

O Toledo (57-79), num gesto magnânimo, cedeu à Representação exemplares originais das cinco primeiras edições do Albatroz, de 1958, que estavam bem guardados no baú de sua mãe. No ano que se avizinha, o periódico da Sociedade Acadêmica, agora sob a forma de revista, estará completando 50 anos de fundação. Por sugestão do Seixas (57-54), a redação passará a republicar algumas matérias dos exemplares ora incorporados ao acervo histórico da Turma.

PENSAMENTO DE O CON*DOR

“Feliz Natal e Próspero Ano Novo. Saúde e Paz!”

Síntese das mensagens recebidas de Manoel Carlos, Toledo, Godoi, Palmero, Shneider, Dárcio, Coelho e Portella. Gratos, amigos.

CONCURSOS DE O CON*DOR

Solução do Concurso de Mar-Abr/2007 – Na reunião mensal de janeiro/2008 (terceira terça), no Clube de Aeronáutica, serão homenageados os companheiros que tenham participado de todos os encontros de aniversário da Turma, a saber: 20, 30, 40, 45 e 50 anos. São eles: 57-04 Luís Mauro, 57-09 M. Pontes, 57-11 Vieira, 57-54 Seixas, 57-55 Amorim, 57-57 Pöhlhuber, 57-71 Sucupira, 57-83 Duncan, 57-86 Luzardo, 57-87 Almir BL, 57-103 Maurício Ferreira, 57-129 Meira e 58-267 Felicíssimo, num total de treze. Ainda se buscam as causas pelas quais um bom número de integrantes da Turma deixou de comparecer a apenas um evento. A Representação solicita ao colega, eventualmente omitido dentre os vencedores, que se manifeste para receber a merecida homenagem.

Solução do Concurso de Jul-Ago/2007 – Assim como o Nascimento ousou contar um “causo” sobre uma “confraternização etflica” em BQ, em seu livro, conte você, caro leitor, uma historinha de um “memorável porre” em BQ, Afonsos ou alhures, com personagens da Turma que a ele tenham sobrevivido com saúde, e que dele se recordem com saudade (sem culpa, remorso ou vergonha). O vencedor foi o 57-40 João Carlos, cujo relato se publica sob o título “Fatos Pitorescos”.

Concurso de Set-Out/2007 – Prorrogado até 15Fev2008 - “A foto do fato”. Uma simples foto tirada em Barbacena ou nos Afonsos poderá enriquecer o acervo histórico da Turma. Participe desta campanha.

Concurso de Nov-Dez/2007 - “Teste sua memória...” Este teste está sendo remetido a todos os assinantes. Nele, tudo se refere a BQ, à EPCAr, sua gente, lugares, atividades, suas frases, lembranças, lemas, paródias, canções, apelidos, usos e costumes. Como exemplo: ÀS 22 H T O S significa “Às 22 horas tocava o silêncio.” São 20 quesitos a serem interpretados, devendo os participantes encaminhar as respostas ao Amorim, via fax (21) 2673-8313/2771-7522, ou por e-mail.

FLASHES DO ALMOÇO NO YUNES

A Redação aguarda imagens registrando os momentos felizes do almoço de confraternização. E conta com o apoio dos *paparazzos* de plantão.



O organizador do evento foi, uma vez mais, o incansável José Nelson. Após examinar outras opções de restaurantes, escolheu o Yunes, mas com outras exigências. O almoço foi um sucesso em todos os sentidos. Os comensais (que linda palavra) agradecem ao Zé, também pelas canções interpretadas. Merecem crédito, como cantores, o Seixas, o Cardoso e o Padrão. O animadores da casa foram os mesmos do ano anterior.



Samara



Paulão

VIAGEM A PIRASSUNUNGA

Para alguns companheiros, a visita à AFA seria um evento comemorativo dos 45 Anos de Aspirantado; para outros, seria o encerramento das comemorações do Jubileu de Ouro da Turma. O fato é que, há três anos, a Representação já tentara organizar, sem sucesso, um grupo para viajar a Pirassununga. Agora, mesmo com a proximidade do encontro histórico em Barbacena, o entusiasmo de alguns colegas civis em conhecer a Academia motivou a iniciativa, que se caracterizou como “aproveitamento do êxito”. Cerca de 60 pessoas se interessaram pelo passeio, mas dificuldades de transporte e de natureza pessoal reduziram o grupo a 37 participantes (sendo 22 integrantes da TQP e 15 acompanhantes). A lamentar, a ausência dos companheiros de Brasília inscritos, que já haviam confirmado a adesão. A viagem de ônibus, saindo do Rio, foi muito agradável, com serviço de bordo e animação (cada qual contando uma historinha sobre seu apelido). As oito horas de viagem, com uma parada, não foram tão cansativas quanto se apregoava, graças à perícia do simpático motorista Maurício, que soube, também, selecionar as músicas para os momentos de soneca. O grande destaque do encontro foi o Pacheco (59-332), que, desta vez, não conseguiu “ficar na moita”, pois foi o responsável pelos contatos preliminares em Pira, onde ele deitou raízes com sua esposa Maria Cecília e seus filhos. Ele participou de tudo com muito bom humor, dando o tom do maravilhoso encontro, como comprovam as fotografias ao lado.

O JUBILEU DE OURO DO GINO'S

Convidados, pela AEPCAR, a participar de uma homenagem ao Restaurante Gino's il Candelabro, no dia 17 de novembro pp, como parte das comemorações dos 50 anos de sua fundação, pelo italiano Gino Calvi, seis integrantes da T.57-BQ incorporaram-se à comitiva da entidade, congregando representantes de sete turmas de ex-alunos. Esta foi a forma de se retribuir à homenagem que o amigo Gino prestou à Turma em março deste ano, quando do jantar de confraternização do coincidente Jubileu de Ouro. Feliz coincidência ou desígnios de Deus?



Gino recebe um diploma de reconhecimento de mérito das mãos dos Diretores da AEPCAR.

Horta, Granha e João Carlos (à esq.) Brasil, Luís Manro e Clarindo (à dir.)

Gino confraterniza com BQanos de todos os tempos. A maior representação foi da T.57-BQ.



O Brig. Odil discorreu sobre a Academia de hoje, ressaltando o dever das novas gerações de manter suas tradições. Presente um dos pioneiros, nosso “Capitão” O.Lima, ex-Comandante do Destacamento Precursor.



Flagrante do almoço na fazenda de Aeronáutica - churrasco de produção própria (com direito a uma cachacinha idem, a FAYSCA).



Cena 2: O Coelho foi salvar o pericíssimo Toledo e deu um show. João Carlos e Amorim só ficaram enganando...

Cena 1: O Toledo aceitou o desafio de dançar. Não contava com a peruca e o ritmo de discoteca.



Nossos repórteres fotográficos, os animados casais: Coelho e Ubiracy; Seixas e Vilma. Estão em todas.

Os organizadores do encontro agradecem as imagens enviadas, muitas das quais irão para o álbum da TQP.



Tomada do jantar em Cachoeira das Emas. Papo interessante foi com os colegas instrutores de vôo na AFA: Maurício Ferreira, Ivan Pereira e Pacheco.

O Amorim posa em frente ao mercado das flores, em Holambra. Ele foi o grande responsável pelo sucesso do encontro. Parabéns! E o nosso muito obrigado. Abraços.



FATOS PITORESCOS

O porre homérico

Noite de 20 de dezembro de 1962, véspera do dia de Aspirantado da Turma. Após a superação de muitos desafios durante a jornada acadêmica, o último dia de cadete foi de grande agitação. Após alguns dias de treinamento para a solenidade militar e de expediente “aliviado” para que cada um pudesse programar-se em família e receber seus convidados vindos de fora do Rio, foi determinado pelo Comando que o pernoite fosse obrigatório para todo o Corpo de Cadetes, em razão da especial programação do dia 21 de dezembro, a começar com uma alvorada festiva pela excelente banda de música da Escola. Somente uma regra foi quebrada: no alojamento do 3º ano, não se respeitou o toque de silêncio. Foi uma “zorra total” (a expressão já era nossa) e não apareceu nenhum oficial para coibi-la.

E aqui começa a minha historinha, cujo título significa bebedeira fora do comum. Eu era quase abstinente (acreditem). Tomava minha cervejinha, moderadamente, como minha mãe me ensinou, quando ainda menino, nos almoços de domingo de uma família portuguesa. Bebida forte passei a tomar como adulto, dando preferência a drinques como Hi Fi (vodca com Crush) e Cuba Libre (rum com Coca-Cola), especialmente nos bailes a que os cadetes tinham livre acesso (devidamente fardados, claro). Dá para contar interessantes histórias sobre aqueles maravilhosos bailes, animados pelas orquestras de Severino Araújo (Tabajara), Oswaldo Borba, Waldemar Szpilman e Waldyr Calmon. Tempos bons, aqueles... Quanto aos drinques, minha quota era de dois por noite, para não perder o rumo, nem o prumo.

Voltando à véspera do Aspirantado, fui deitar-me ao toque de silêncio, após repassar a minha farda, lustrar os sapatos e os metais (dando uma de Pacheco). Santa inocência! O alvoroço era muito grande: conversa em altos brados no “buraco quente”, onde ficavam os armários; algazarra nas varandas, principalmente no varandão da cabeceira, de frente para o mastro da bandeira, onde um grupo bebia todas. Lá pelas tantas, alguns colegas beberrões, liderados pelo Schubnell, não se conformando com a passividade dos que se haviam acomodado em seus leitos, resolveram acordá-los para participarem da bebedeira. Sacudiam as camas com violência e, quando os dorminhocos relutavam em levantar-se, viravam-nas ou jogavam um balde d’água em cima dos caras. Eu me livre do banho forçado, mas não do que me aguardava. O uniforme para o ágape era a cueca “samba-

canção”, sendo que os que dormiam de pijama tiveram-no devidamente rasgado; a bebida era Cuba Libre, a preferida do cadetal. Só que, naquela altura do jogo, o Cuba era rum puro, puríssimo, sem Coca-Cola, nem gelo. E, para completar, os salgadinhos haviam acabado. Entrei na algazarra, com cantorias sem violão e palavras de ordem desconexas. Não sei a que horas fui dormir. Só me lembro de que, tocada a alvorada, cujos dobrados não pude apreciar por estar-me sentindo muito mal, dirigi-me ao banheiro para tomar um banho frio (que eu detesto). Ao fazer a barba, eu via duas caras no espelho, “uma que era e uma que não era”, e só consegui concluir a operação com a ajuda de meu irmão Luiz, que veio de Porto Alegre para a formatura e ficou responsável pela coordenação em família. O lauto desjejum nem me apeteceu. Comi uma maçã e tomei café sem açúcar (que eu odeio). Quando entrei em forma, já estava um pouco melhor. A primeira parte, a de depositar o espadim naquela imensa mesa, foi tranqüila. Em seguida, o locutor oficial leu o ato de declaração de aspirantes. Depois, veio a parte mais festiva, a de entrega da espada. Em meio ao júbilo dos formandos e de seus familiares, não houve esforço para manter postura empertigada. Recebi a minha espada das mãos da maezinha querida, como tantos outros que ainda não tinham noiva. Na seqüência, os novos Aspirantes assumiram seu lugar no dispositivo, no campo de futebol, para assistirem ao desfile do Corpo de Cadetes. Enquanto a tropa marchava em direção à Galeria do Cadete Imortal, onde iria fazer a conversão e entrar na reta final, com toda a galhardia, para passar em frente ao palanque das autoridades, prestando continência ao Ministro da Aeronáutica, eu senti um desfalecimento e falei para o Bastos: “Vou cair...” Ele me amparou e conduziu à ambulância que se encontrava atrás do nosso grupamento. Somente uns poucos colegas próximos perceberam a saída de forma. No posto médico, “joguei cargas ao mar” (quer dizer, num balde). O médico de plantão aplicou Necroton na veia e me deixou de repouso. Não compareci ao coquetel de confraternização e meus familiares passaram um bom tempo à minha procura, até que fui resgatado pelo mano protetor Luiz. No dia seguinte, no tradicional baile de formatura, dancei uma única vez com minha irmã Norma, com a cara bem amarfanhada; e tomei somente Crush e Grapette, que eu adoro (acreditem). Dois meses depois, estava eu em Recife, onde aprendi a tomar rum, mas com limão, nunca puro.

NAS AEROVIAS

1963 - Natal

Toda a nossa turma, mais de setenta Aspirantes Aviadores, foi para a Base Aérea de Natal. Lá estavam os que escolheram Aviação de Caça, no Décimo-Quarto Esquadrão (aviões T-33 e F-80, Shooting Star), e os da Aviação de Bombardeiros, no Quinto, Grupo de Aviação, com os aviões de ataque Douglas B-26. Ficamos em alojamentos com quartos para dois, no prédio do Cassino dos Oficiais. A população de Natal nos recebeu muito bem. Havia muitos convites para festas e bailes, freqüentamos a alta sociedade local, e inclusive comparecemos à festa de quinze anos da filha do Governador do Rio Grande do Norte, Aluizio Alves. Também não faltavam convites para almoços e passeios, geralmente nas praias. Ficamos sócios do Clube América, onde quase todos os sábados tinha bailes. Sem modéstia, nós éramos a esperança matrimonial de quase todas as moças da sociedade. Dois colegas de turma casaram em Natal. Os Aspirantes, recém-saídos da Escola de Aeronáutica, eram encarregados de puxar a suga. Ficavam, cada dia um, sobre um elevado estrado, tendo toda a tropa à

sua frente, lá embaixo. Meia hora de ginástica, depois mais meia hora de corrida. Banho, café do camburão em copinhos de papel, e começava o expediente. No segundo dia, fui designado como guia. Polichinelo, flexões de pernas, e em posição de sentido, inclinei-me para a frente, caindo no solo já em posição da flexão de braços. Foi uma derrubada geral na turma lá de baixo. Tudo era repetido vinte vezes. Mais uns abdominais, novo kanguru, e as torções de cintura finais. Ao começar a corrida, estava na frente, seguido dos demais aspirantes, depois sargentos, cabos e soldados. Na primeira volta, olhei para trás e faltava mais da metade. No final, só estavam os aspirantes. Nesse dia fui chamado pelo Major Especialista Cordeiro, chefe da manutenção dos B-26. Furioso, disse-me que muitos sargentos não conseguiam subir a escada do avião para trabalharem no seu interior. Desculpei-me como pude. Somente fui monitor da ginástica três meses depois, quando completou o rodízio. Fiz uma seqüência bem mais moderada, e na corrida todos chegaram até o fim. (Continua no próximo número). **Coelho,60-112**